

O papel desenvolvido pela mulher e sua invisibilidade na sociedade brasileira durante o regime militar

Bárbara de Souza da Silva¹
Jamilly Nicácio Nicolete²

Resumo

As mulheres que militavam durante o período militar, tiveram inúmeras barreiras para se desprender e irem as ruas lutar pelos seus direitos, seus interesses, além de ter que enfrentar os obstáculos sociais, tinha a existência de tortura durante este mesmo período não a intimidara, e por consequência deste fato, muitas delas passaram pela tortura, que se consistia em violência física, psicológica e moral, após essas torturas que elas foram submetidas ocasionando marcas que estão presentes até os dias atuais.

Palavras-chave: Ditadura Militar; Mulher; Tortura.

¹ Graduanda em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Toledo de Ensino – Araçatuba/SP; e-mail: baabi009@hotmail.com.

² Docente dos cursos de Licenciatura do Centro Universitário Toledo de Ensino – Araçatuba/SP, Doutora em Educação; e-mail: jamillynicacio@hotmail.com.

Introdução

Durante o período militar (1964-1985), de acordo com Fausto (2015), o controle do poder Executivo do país esteve nas mãos do Exército Brasileiro. Nessa época, as mulheres passaram por alguns martírios quando saíram às ruas em busca dos seus direitos juntando-se aos movimentos de oposição ao governo. Alguns benefícios foram alcançados graças às lutas, como a criação do Conselho da Condição Feminina, em 1982, para denunciar a morte de muitas delas. Grande parte dessas mulheres militantes foi torturada com choques por todo o corpo, estupros, humilhações verbais e violência psicológica que chegou a levá-las a morte durante o regime.

Partindo desta perspectiva, suscitou-nos o interesse em analisar a invisibilidade da violência sofrida por essas mulheres durante o período militar. Dissertar sobre os métodos de violência utilizados contra as militantes ou mulheres de militantes e evidenciar a trajetória histórica dessas mulheres, pois, muito embora tenha sido um período de relevância histórica, é nítida a restrição das documentações sobre o período. Por último, e não menos importante, expor as consequências das torturas às quais essas mulheres foram submetidas, tendo sequelas que marcaram a trajetória das sobreviventes.

A pesquisa foi realizada através de levantamento bibliográfico com autores como Teles (2014), Tomazoni (2015), Ridente (1990), filmes e documentários, incluindo a análise de relatos disponíveis em jornais. O presente artigo é de caráter qualitativo, seguindo o método analítico indutivo e, a partir dos autores referenciados, serão apresentados os resultados da violência sofrida pelas mulheres.

Iniciando a conversa...

Antes de começar uma investigação mais aprofundada sobre a mulher durante este período, é preciso compreendê-lo por meio de uma investigação histórica a respeito das conjunturas sociais e políticas vividas na época.

O Golpe Militar de 1964 tem início quando os militares partem para o Rio de Janeiro espalhando medo e caos por onde passava, reprimindo movimentos populacionais, sindicais e serviços públicos, além de realizar perseguições, sequestros e até mesmo prisões políticas, como apontado por Teles (2014).

Todavia, segundo Fausto (2015), os militares tinham o intuito de livrar o país da corrupção e da ameaça comunista, restaurando, portanto, a democracia de modo não convencional. Nesse processo de recomposição democrática foram instaurados Atos Institucionais (AI) para ampliar a autoridade e poder de quem estivesse à frente do país.

Algumas das medidas foram adotadas durante esse processo, como a votação sendo realizada pela maioria do Congresso e a extinção dos partidos políticos, porque, para os militares, a crise era consequência da existência de partidos, e assim se cria uma constituição que concretizava que o poder Executivo seria por exercido por sucessão.

Teles (2014) mostra que a imprensa escrita, televisiva e radialista passou a desenvolver um papel fundamental com as propagandas que facilitavam a formação de uma opinião pública conservadora, além de criticar abertamente o governo de Jango³ e as reformas de base. A vinda do padre Patrick Peyton⁴, em 1963, pregando a ordem “família que reza unida, permanece unida” tinha como intuito a tentativa de mobilizar mulheres para a Marcha contra João Goulart e o comunismo.

Após o anúncio das reformas de base e agrária de João Goulart, a direita passou a reagir:

Como resposta, a direita mostrou o seu lado mais enganoso e manipulador: com o apoio da Igreja, empresários e latifundiários, devidamente instruídos por entidades financiadas pelos Estados Unidos como o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES), mobilizou mulheres para serem usadas como base social dos golpistas que passaram a se vangloriar de ter uma sustentação política com “forte apoio popular”.

Estas manifestações de mulheres manipuladas pelas forças mais conservadoras e retrógradas se realizaram em ações dominadas: [...] Ao todo, foram realizadas 49 manifestações deste tipo, em todo o país, constituídas majoritariamente de mulheres (Teles, 2014, p. 10)

Durante este momento de tentativa de instauração da ditadura, as mulheres tiveram um papel importante para fazer com que a população concordasse com o regime. Segundo a autora, foram 49 marchas, somando de 300 a 500 mil pessoas, compostas majoritariamente por mulheres pobres, empregadas domésticas, negras e moradoras da periferia. Contudo, as mulheres que organizavam as manifestações e já tinham alcançado alguma equidade dos seus direitos não se faziam presentes nos atos populares. Mulheres brancas, de classe média alta, esposas de militares e católicas extremamente religiosas.

A junção das organizações financiada pelo governo, como por exemplo, CAMDE⁵, União Cívica Feminina⁶ e a LIMDE⁷, entre outras por todo o país, e as manifestações das mulheres nas ruas com medo do comunismo e pedindo por democracia foi lacuna necessária para a efetivação do golpe militar. Não se pode atribuir culpa a essas mulheres devido ao fato

³ João Goulart, governador eleito legitimamente.

⁴ Patrick Peyton (1909 - 1992). Era um padre católico irlandês, pároco de Hollywood e fundador da Cruzada

⁵ Campanha da Mulher pela Democracia, situada no Rio de Janeiro.

⁶ Situada em São Paulo.

⁷ Liga da Mulher pela Democracia, localizada em Belo Horizonte.

de terem sido levadas a acreditar em um discurso conservador sem nenhuma estrutura progressista.

Embora estudos a respeito do golpe militar e da participação das mulheres não relacionam o fato da desorganização das mulheres comunistas, simpatizantes e progressistas, com o fato de ter havido a manipulação das massas femininas pelos golpistas, faço uma leitura de que este episódio criou condições para tornar as mulheres menos atentas às questões políticas e acríicas, o que possibilitou o apoio feminino tão massivo às forças golpistas, as mais atrasadas do país (Teles, 2014, p. 11)

Mulheres de direita tenham tido orientações dos militares e autorização dos maridos para participarem direta e indiretamente das manifestações, autorizações indispensáveis, pois elas entendiam que seus respectivos lugares eram dentro casa, cuidando do lar e de seus afazeres domésticos. Era evidente a não aceitação da participação política irrestrita das mulheres, sendo possível observar durante a “Marcha com Deus pela Família, pela Liberdade” que, ao mesmo tempo em que muitas levavam em suas mãos rosários, tantas outras carregavam cartazes que diziam “Vermelho bom, só do batom”,

Ainda que as mulheres tenham apoiado a instauração do governo militar, não estariam salvas de passarem por violências sexuais, psicológicas e morais quando perceberam que não se tratava de uma retomada da democracia, mas sim da posse do poder governamental, iniciando assim um regime ditatorial, com direito a perseguições e torturas a todos que insistissem em defender a democracia e a liberdade.

O século XX seria o “Século das Mulheres”, pois elas decidiram enfrentar as barreiras da família, religião, mercado de trabalho, escola e a sociedade em geral, até mesmo dentro de grupos partidários que acreditavam que elas não possuíam capacidade para liderar manifestações, lutar por um país e pela igualdade, além de pressupor que elas não aguentariam as repressões e não teriam atitude suficiente para enfrentar os obstáculos e ingressar no mercado de trabalho, nas universidades, na militância e serem forte a ponto de resistir aos exílios que transformaram as mulheres no grupo social que mais sofreu alterações durante a ditadura militar.

O século trouxe mudanças comportamentais, de valores e perspectiva, dando liberdade para que elas deixassem de serem objetos sexuais dos homens e passassem a pensar no seu próprio desejo, no próprio prazer, possibilitando até mesmo orgasmo, apartando-se da gravidez com a chegada da pílula contraceptiva ou anticoncepcional e tendo, portanto, poder de optar pela maternidade.

Apesar das transformações pelas quais o papel da mulher passou, Tomazoni aponta que “para a repressão, a quebra dos papéis destinados à mulher e a consequente busca por

igualdade trouxe o conceito de “mulher subversiva”, que era dividida em duas categorias: a de prostituta, objeto de desejo dos homens, e a de comunista, desviante política” (2015, p. 42).

As barreiras impediam diversas conquistas femininas foram muito mais do que a família. Envolveva, principalmente, a moral dessas mulheres perante a sociedade e uma questão de ego masculino que estava sendo desconstruído, pois o grito delas era quase inaudíveis devido, na maioria das vezes, ao fato de se encontrarem atrás de seus maridos.

Seguindo a diante é possível chegar ao ponto principal desta pesquisa. Partindo do objetivo de mostrar pelo o que essas mulheres militantes passaram, veremos que a tortura foi muito mais do que um método para extrair informações, foi utilizada como ferramenta para causar mortes lentas e dolorosas, como foi o caso de Eduardo Leite, o ‘Bacuri’, apresentado pela Comissão Nacional da Verdade. A tortura também foi institucionalizada como um método científico, o que causava constrangimento maior para as mulheres, devido ao fato de a maioria dos torturadores serem homens e se aproveitavam da situação para humilhá-las:

A questão de ser mulher torna a tortura um processo muito particular, por conta dos padrões de conduta, que sob o aspecto sexual colocava a mulher como objeto de prazer do homem. [...] Os objetivos fundamentais do agressor eram fragilizar, amedrontar e coibir a vítima, deixando claro a sua posição de inferioridade absoluta em relação ao poder instituído. Cabe as mulheres uma cota suplementar de sofrimento que resulta da violência sexual (estupros, às vezes seguidos de gravidez) ou dos rituais de humilhação que foram submetidas em função de seu gênero. (Tomazari, 2015, p. 46)

Quando essas mulheres eram presas, passavam por sessões de torturas que, através dos relatos dessas vítimas, permite observar e até mesmo sentir muito mais do que uma violência física. Tinha muita violência sexual usada para destruir a feminilidade e maternidade, além de demonstrar o quanto elas eram vulneráveis diante deles:

“Sobe depressa, Miss Brasil” dizia o torturador enquanto me empurrava e beliscava minhas nádegas escada acima do Dops. Eu sangrava e não tinha absorvente. Eram os ‘40 dias’ do parto. Na sala do delegado Fleury, num papelão, uma caveira desenhada e, embaixo, as letras EM, de Esquadrão da Morte. Todos deram risada quando eu entrei. ‘Olha aí a Miss Brasil. Pariu noutra dia e já esta magra, mas tem um quadril de vaca’, disse ele. Um outro: ‘Só pode ser uma vaca terrorista’. Mostrou uma pagina do jornal com a matéria sobre o premio da vaca leiteira Miss Brasil numa exposição de gado. Riram mais ainda quando ele veio para cima de mim e abriu meu vestido. Picou a pagina do jornal e atirou em mim. Segurei os seios, o leite escorreu. Ele ficou olhando um momento e fechou o vestido. Me virou de costas, me pegando pela cintura e começaram os beliscões nas nádegas, nas costas, com o vestido levantado.um outro segurava meus braços, minha cabeça, me dobrando sore a mesa. Eu chorava, gritava, e eles riam muito, gritavam palavrões. Só pararam quando iram o sangue escorrer nas minhas pernas. Ai me deram muitas palmadas e um empurrão. Passaram-se alguns dias e ‘subi’ de novo. Lá estava ele, esfregando as mãos como se me esperasse. Tirou meu vestido e novamente escondi os seios. Eu sabia que estava com um cheiro de suor, de sangue, de leite azedo. Ele ria, zombava do cheiro

horrível e mexia em seu sexo por cima da calça com um olhar de louco. No meio desse terror, levaram-me para a carceragem, onde um enfermeiro preparava uma injeção. Lutei como podia, joguei a latinha da seringa no chão, mais um outro segurou-me e o enfermeiro aplicou a injeção na minha coxa. O torturador zombava: ‘Esse leitinho o nenê não vai ter mais’. ‘E se não melhorar, vai para o barranco, porque aqui ninguém fica doente’. Esse foi o começo da pior parte. Passaram a ameaçar de buscar meu filho. ‘Vamos quebrar a perna’, dizia um. ‘Queimar com cigarro’, dizia outro.⁸

Esse depoimento de Rose Nogueira permite notar com nitidez a proporção da violência que não parava por aí, pois essas mulheres sofriam muito mais nas dependências do DOI-CODI⁹, DOPS¹⁰.

Outro depoimento que reafirma o sofrimento destas mulheres é o de Dulce Maia:

Muitos deles vinham assistir para aprender a torturar. E lá estava eu, uma mulher franzina no meio daqueles homens alucinados, que quase babavam. Hoje, eu ainda vejo a cara dessas pessoas, são lembranças muito fortes. Eu vejo a cara do estuprador. Era uma cara redonda. Era um homem gordo, que me dava choques na vagina e dizia: ‘Você vai parir eletricidade’. Depois disso, me estuprou ali mesmo. Levei muitos murros, pontapés, passei por um corredor polonês. Fiquei um tempão amarrada num banco, com a cabeça solta e levando choques nos dedos dos pés e das mãos. Para aumentara carga dos choques, eles usavam uma televisão, mudando de canal, ‘telefone’, velas acesas, agulhas e pingos de água no nariz, que é o único trauma que permaneceu até hoje. Em todas as vezes em que eu era pendurada, eu ficava nua, amarrada pelos pés, de cabeça para baixo, enquanto davam choques na minha vagina, boca, língua, olhos, narinas. Tinha um bastão com dois pontinhos que eles punham muitos nos seios. E jogava água para o choque ficar mais forte, além de muita porrada. O estupro foi nos primeiros dias, o que foi terrível para mim. Eu tinha que lutar muito para continuar resistindo. Felizmente, eu consegui. Só que eu não perco a imagem do homem. É uma cena ainda muito presente. Depois do estupro, houve uma pequena trégua, porque eu estava desfalecida. Eles tinham aplicado uma injeção de pentanol, que chamavam de ‘soro da verdade’, e eu estava muito zonha. Eles tiveram muito ódio de mim porque diziam que eu era macho de aguentar. Perguntavam quem era meu professor de ioga, porque, como eu estava aguentando muito a tortura, na cabeça deles eu devia fazer ioga. Me tratavam de ‘puta’, ‘ordinária’. Me tratavam como uma pessoa completamente desumana. Eu também os enfrentei muito. Com certa tranquilidade, eu dizia que eles eram seres anormais, que faziam parte de uma engrenagem podre. Eu me sentia fortalecida com isso, me achava com a moral mais alta.¹¹

Os métodos de torturas que serão expostos a seguir foram reconhecidos pela Comissão Nacional da Verdade, que tem como intuito explicitar e permitir acesso ao público sobre o que foi a repressão militar como nos depoimentos citados. Entre os métodos de tortura estão:

⁸ Depoimento de Rose Nogueira, ex - militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), era jornalista quando foi presa em 4 de novembro de 1969, em São Paulo (SP). Hoje, vive na mesma cidade, onde é jornalista e defensora dos direitos humanos.

⁹ Centro de Operações de Defesa Interna (CODI) e Destacamento de Operações de Informações (DOI), ficando conhecido como DOI-CODI

¹⁰ Delegacias de Ordem Política e Social

¹¹ Relato de Dulce Maia, ex-militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VRP), era produtora cultural quando foi presa na madrugada de 26 de janeiro de 1969, em São Paulo (SP). Hoje, vive em Cunha (SP), é ambientalista, dirige a ONG Ecosenso e é cogestora do Parque Nacional da Serra da Bocaina.

- **Choque elétrico:** eram provocados por pequenas máquinas movidas à manivela, que também controlavam a intensidade do choque. Geralmente eram encostados em áreas sensíveis como nariz, gengivas, mamilos, ânus, órgãos genitais femininos e masculinos. Podia causar diarreias involuntárias, queimaduras, incontinência urinária e convulsões, além de dores extremas que levavam a paradas cardíacas e abortos.

- **Afogamento ou sufocamento:** mergulhavam a cabeça dos prisioneiros num tanque com água. Também era comum colocar mangueiras na boca e tampar as narinas. Para sufocar, utilizavam de amoníaco¹² para embebedar os capuzes e causar o sufocamento.

- **Espancamentos:** utilizavam de socos e pontapés em áreas sensíveis do corpo como os seios, barriga e nas costas. Também usavam o ‘telefone’ para causar ruídos nos ouvidos das vítimas, além de desfigurar e a extrair o globo ocular¹³.

- **Empalamento:** é o método de introduzir objetos pontiagudos ou cilíndricos pelo ânus. Além de causar ferimentos externos, as vítimas poderiam ter hemorragias e vir a óbito.

- **Simulação de Fuzilamento:** era um tipo de tortura psicológica comumente utilizada contra presos que já haviam sido torturados.

- **Queimadura:** provocadas por pontas de cigarro, ferros ou maçaricos em contato com a pele nas partes mais sensíveis do corpo.

- **Isolamento em locais inóspitos¹⁴:** técnica de imobilização com celas minúsculas (chamadas de ‘geladeira’) utilizadas para causar desconforto, pois não permitia que o preso ficasse em pé ou com o corpo esticado, a temperatura era alterada entre calor e frio intensos, com som ou ruídos muito altos e luzes acesas para que os presos não conseguissem dormir.

- **Drogadição:** é o ‘soro da verdade’, usavam para causar confusão mental e assim obter mais informações.

- **Estupro:** utilizado na tortura contra mulheres, às vezes utilizavam objetos como o cassetete para praticar os estupros.

As técnicas que não foram citadas acima são: Pau-de-arara, Cadeira do Dragão, Cama Metálica e Suspensão, técnicas essas utilizadas para a imobilização dos torturados, a utilização de parentes e membros das famílias das militantes que se encontravam em poder

¹² É um composto químico construído por nitrogênio e hidrogênio, utilizavam durante o regime militar para sufocar as pessoas.

¹³ Olhos.

¹⁴ Lugares inóspitos: inabitáveis, sem condições de manter a vida.

dos militares para tortura-las psicologicamente, muitas vezes ameaçando a vida dos filhos delas, assim como relata. Essas posições e maneiras de torturas são extremamente bárbaras, de extrema violência ao ser humano que causariam graves problemas futuros na vida das sobreviventes.

O Filme “Que Bom Te Ver Viva” (1989) mostra os depoimentos chocantes de mulheres que passaram por diversas dessas maneiras de torturas e sobreviveram. Algumas dessas mulheres passaram muito tempo vendo os torturadores em todos os lugares que frequentavam ou terem adquiridos problemas de saúde, como por exemplo, crise de soluços quando pressionadas, ou depois das torturas as quais Regina Toscano¹⁵ foi submetida, crises de epilepsia que se tornaram mais frequentes e severas.

Sobreviver é até um instinto animal, né? Você tem que sobreviver. Agora, ter sobrevivido e sem ter enlouquecido é a grande vitória da gente, é a grande verdade. (Que bom te ver viva, 1986).

Não se consolida uma democracia com cadáveres insepultos. E isso nós temos muito! – Maria Amélia de A. Teles (As Vítimas da Ditadura, 2014).

Se tem uma coisa que os torturadores estavam certos é em dizer que marca de tortura não passa, não passa mesmo. – Rose Almeida (As Vítimas da Ditadura, 2014).

A vida na clandestinidade também não era fácil, além de toda a dificuldade que passavam por ficar distantes de amigos e família e terem que se esconder, os filhos das militantes precisavam viver longe do núcleo familiar principal, como pais, para que não fossem pegos para serem usados como pressão psicológica nas presas, ou até mesmo. Chegando a viver com os avós para evitar os mesmos problemas.

Após tudo isso, Magda Neves, no documentário “Memórias Femininas da Luta Contra a Ditadura Militar” (2015), relata a criação do Comitê Feminino pela Anistia, fundado em São Paulo por Teresinha Zerbini. E, em 1976, um ano após a ONU colocar em destaque a mulher, o movimento se espalha e Magna Neves saiu à procura de pessoas que desejavam fazer parte do movimento, por exemplo, companheiras(os) que tinham maridos (ou esposas) presas, mães com filhos exilados, para assim começar o movimento e assim virar o Comitê Brasileiro pela Anistia¹⁶.

Após toda esta análise, pode-se concluir que as torturas estavam ligadas muito mais à questão de humilhá-las, mostrar que apesar de toda a sua militância, eles poderiam fazer com elas o que eles bem entendessem.

¹⁵ Militante da organização guerrilheira MR-8, é torturada e fica um ano na cadeia em 1970. Tem três filhos e trabalha como educadora

¹⁶ Formado em 1978 formados por advogados, amigos e parentes de presos políticos.

O objetivo de tamanha violência aplicada de várias formas contra essas mulheres era distribuir horror, tinham um teor sexista de ver a mulher como um objeto pertencente a eles, muitas vezes sexual, que se faz muito presente nos relatos das vítimas. A todo o momento se fazia presente o ar de superioridade, de serem usadas para extrair informações sobre os grupos militares, entretanto, não há justificativa para qualquer motivo que os levou a praticar tamanha crueldade contra elas, contra os direitos humanos, contra os direitos de cidadã.

Referências

- As vítimas da Ditadura* – Depoimentos (2014) – Disponível em: <http://youtu.be/L-u7-mq_U48>. Acesso em: 23 de Maio de 2018.
- Comissão Nacional da Verdade* – Disponível em: <<https://www.memoriaditadura.org.br>>. Acesso em: 03 de Abril de 2018 e 25 de Maio de 2018.
- Diálogo sem Fronteira – Mulheres e Trauma da Ditadura Militar* – Disponível em: <<https://youtu.be/koKlqGYAJsc>>. Acesso em: 22 de Maio de 2018.
- Ditadura Militar e violência sexual* (2015) – Disponível em: <<https://youtu.be/0rY9KK69XXE>>. Acesso em: 19 de Maio de 2018.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 14. Ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.
- Jornal GGN. *Testemunho de mulheres que foram vitimas da ditadura militar*. Disponível em: <<https://www.jornalggm.com.br/blog/iv-avator/o-testemunho-de-mulheres-que-foram-vitimias-da-ditadura-militar-0>>. Acesso em: 20 de Maio de 2018.
- Memórias Femininas Contra a Ditadura Militar (2015)* – disponível em: <https://youtu.be/YWtuhUsn5ao>. Acessado em 18 mai. 2018.
- Que Bom Te Ver Viva (1986)* Disponível em: <<https://www.youtube.be/EAD3Mf4aXuE>>. Acesso em: 21 de Maio 2018.
- Relatório: Tomo II: *Dossiê Ditadura: Mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*.
- Repare Bem* (2015). Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL7UwKVJ6n_6WIjJI3IyK4o35EUaTsfGo>. Acesso em: 22 de Maio de 2018.
- RIDENTE, S. Marcelo. *As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo*. Tempo Social; Rev. Social, 2(2), São Paulo. 2. Sem/1990
- TELES, A. A. Maria. *O protagonismo de mulheres na luta contra a ditadura militar*. RIDH. Bauru, v. 2, n. 2, Bauru- SP. jun/2014.

V SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS
Universidade Estadual de Londrina
13 a 15 de junho de 2018
ISSN 2177-8248

TOMAZONI, Larissa. *A mulher na ditadura militar: uma análise das limitações e consequências da participação política feminina*. Cad. Esc. Dir. Rel. Int. vol. 1, n. 22, Curitiba-PR. jan/jun, 2015.